

## Instrumental

Álbum dá continuidade à Trilogia dos Sertões, iniciada com ‘Cavalo Motor’ e que será finalizada com ‘Triste Entrópico’

# Makely Ka fala de ‘Rio Aberto’, seu novo disco

■ PATRÍCIA CASSESE

Segundo título da Trilogia dos Sertões, projeto do cantor, compositor e violonista Makely Ka que teve seu passo inicial com “Cavalo Motor” (2014), o disco “Rio Aberto” chegou recentemente ao mercado apresentando 13 faixas instrumentais – sendo apenas uma não autoral, “Encontro das Águas”, de Tavinho Moura – nas quais a viola é a grande protagonista.

O instrumento foi dedicado por Makely pelo primeira vez há cerca de 20 anos. “Mas acabei dando-a de presente ao músico João Luís Nogueira, a quem acompanhava, quando ele se mudou para Alemanha. Só em meados de 2018 eu consegui outra”, relata ele.

E foi mais recentemente, nos meses passados em isolamento, por conta da pandemia, que o artista acabou fazendo uma imersão no instrumento. “Comecei a experimentar algumas afi-

nações. Na quarentena, passava várias horas praticando e, assim, as músicas foram saindo aos poucos. O disco foi ganhando corpo de uma forma natural”, revela. Recluso, o veio criativo acabou sendo uma forma de se conectar com a natureza, “de transcender aquele momento de tensão e de apreensão”.

Neste movimento, o fluxo das águas inspirou o título das faixas, entre afluentes do São Francisco – como “Carinhonha”, “Jequitai”, “Paracatu” ou “Urucuia” e outros cursos – “Doce”, “Vaza-Barris”. “De repente, uma ideia que co-

meçou pingando feito água de nascente, virou um veio d’água, formou um córrego e acabou se transformando num rio caudaloso”, descreve ele, sobre o processo.

Na viola, começou experimentando a afinação que, conta, é muito usada no Vale do Urucuia, na região Noroeste de Minas, por onde passou em 2012, na viagem que fez de bicicleta pelo chamado Grande Sertão. “Lá, eles chamam essa afinação de ‘Rio Abaixo’, e ficou conhecida por causa de alguns violeiros famosos, como ‘seu’ Manoel de Oliveira, referência do instrumento, mestre e professor de grandes violeiros, como Paulo Freire”.

Tavinho Moura, prossegue Makely, também usa essa afinação, mencionando ‘seu’ Manoel e ‘seu’ Zezinho como referências. “Acontece que ela é conhecida também como ‘Sol Aberto’ – e daí surgiu o nome do disco, ‘Rio Aberto’. Desde o início eu associei o som da viola, princi-



ROSA ANTUÑA/DIVULGAÇÃO

**O artista.** “Faço uma música orgânica, sem aditivos químicos para fazê-la tocar nas mídias”, pontua

palmente com essa afinação, ao movimento das águas pela sonoridade aberta, pela sensação de fluidez. Então ligar as músicas aos rios que conheci nas muitas viagens que fiz pelo sertão de Minas e da Bahia foi um processo natural”, esclarece.

Já sobre a relação com a música instrumental, ele res-

salta que sempre se fez presente em seu processo criativo, embora fosse menos evidente na persona artística que veio à tona durante sua carreira, “que é a do cancionista, do letrista e poeta”. “Mas sempre criei música instrumental para teatro, cinema e, nos últimos anos, para dança. Tanto que neste últi-

mo fim de semana, estreou no Teatro Amazonas, em Manaus, ‘Rios Voadores’, da bailarina e coreógrafa Rosa Antuña (com quem fui casado), com o Corpo de Dança de lá, e que tem uma trilha sonora instrumental inédita, que compus especialmente para o espetáculo”, salienta.

A história de ‘Pode Durar o Tempo de Uma Música’ despontou durante os meses iniciais da pandemia da Covid-19

## Vander André Araújo apresenta o seu segundo livro

GUSTAVO CAMPOS / DIVULGAÇÃO



**Vander.** A narrativa gira em torno dos personagens Gari e Zedeque

■ “Pode Durar o Tempo de uma Música” (Adelante/Gulliver, 98 páginas), novo livro do mineiro Vander André Araújo, teve sua escrita decorrente de um processo interno desencadeado pela pandemia da Covid-19. Corria os meses iniciais de 2020, com a quarentena já instituída, e, preocupado com os familiares mais idosos – não só pela ameaça do vírus, mas diante da avalanche de fake news em cena –, Vander, instalado em sua cidade natal, Bom Despacho, se perguntava a todo momento quanto tempo o flagelo iria durar. “Ficava acompanhando gráficos, estatísticas”, lembra.

Mas foi também naquele

momento de reclusão que ele teve uma percepção ainda mais forte do poder da música. “Ela tem o seu tempo determinado, geralmente pouco mais de três minutos, mas, como sabemos, ressoa docemente, acalma, acalenta e vai muito além”, pontua.

Embalado por ela, o autor passou a refletir sobre sua vida. “O ciclo de trabalho formal que havia se encerrado, amores, decepções, minha ansia de sobreviver e contar como consegui, ao longo de meio século, superar olhares enviesados, críticas e bullying, intolerância”.

E foi assim que chegou aos personagens centrais, Zedeque e Gari. O primeiro,

um funcionário público que busca no passado respostas às suas inquietações e desejos de viver o seu verdadeiro amor. O segundo, um homem em situação de rua.

Pessoas que, apesar da pulsão interna, quase nunca conseguem realizar seus sonhos. “Sempre impedidos pelo outro. Pelo Grande outro lacaniano ou por um fator externo, podendo até mesmo ser a pandemia, aqui representada como uma grande alegoria para tudo aquilo que lhes impediu de serem felizes, nesse mundo que invisibiliza, diminui e segrega o diferente, o ‘anormal’, e que gera as minorias”.

Vander explica que o tan-

go de Astor Piazzolla permitiu a dança e o encontro deles, mesmo que durando “apenas o tempo de uma música”.

**ALTER EGO.** Zedeque é quase um alter ego de Vander. “Ele é correto, ingênuo, sensível e está isolado, discriminado, tentando viver o seu amor homossexual platônico, mesmo que para isso tenha que buscar um casamento ‘arranjado’”. Já Gari é jovem, cheio de vitalidade. “Quase sagrado. Tem origem nos meus pensamentos metafóricos sobre o que consideramos sujo, que nos incomoda e deve ser banido. Mas acho que se eu falar mais, estaria dando muito spoiler!”, brinca ele. (PC)